

GRUPOS

A DIFÍCIL TAREFA DE LIDAR COM EMOÇÕES PRIMITIVAS

UMA CONVERSA COM CLÁUDIO CASTELO FILHO

Helena Daltro Pontual



Os trabalhos de Wilfred Bion (Mathura, 1897 - Oxford, 1979) desenvolvidos com grupos foram de grande importância para sua produção científica e até hoje trazem enormes contribuições a analistas e profissionais da área de saúde. Foram esses trabalhos que possibilitaram a Bion reconhecer a presença de mecanismos psicóticos, ter melhor compreensão no trato de pacientes esquizofrênicos e, por conseguinte, aprofundar estudos de problemas ligados ao pensamento, à linguagem e ao conhecimento.

A dinâmica de grupos tratada por Bion sempre me impressionou por sua singularidade e compreensão do ser humano. Vai muito além do trato com pacientes, pois nos oferece ferramentas para nos compreendermos individualmente e aos diversos grupos, tanto os de nossas sociedades psicanalíticas como os de empresas, associações e mesmo a sociedade mais ampla, agrupada em uma cidade ou país.

Em 1942, no Hospital Northfield, em Birmingham, hospital psiquiátrico convertido em hospital militar durante a Segunda Guerra,

Bion iniciou seus experimentos com grupos de pacientes. A partir do trabalho em grupo com militares ali internados, Bion deveria decidir quem estava apto ou não a retornar à vida militar. Foi na observação desses pacientes que Bion desenvolveu a dinâmica de grupos.

O grupo de pressupostos básicos, no original *basic assumption*, funciona nos moldes do processo primário de pensamento e, portanto, obedece primordialmente às leis do inconsciente dinâmico, conforme definiu David E. Zimmerman, no livro *Bion, da teoria à prática* (Porto Alegre: Artmed, 2004). Esse grupo conserva características das reações defensivas mobilizadas pelo ego primitivo contra ansiedades psicóticas. Bion aborda o assunto em *Experiências com Grupos* (Rio de Janeiro: Imago, 1970), onde conta seu trabalho com pacientes e expõe seus conceitos sobre esse tema, descrevendo três modalidades desse grupo: dependência, luta e fuga e acasalamento. O grupo de pressuposto básico, por suas características, se opõe à mudança e ao crescimento e não tolera frustrações. Bion observa que o estado emocional próprio a uma suposição básica não é inteiramente agradável, e que tal estado acontece com o analista na psicanálise e também em grupo.

Já o grupo de trabalho está voltado para aspectos conscientes de uma determinada tarefa combinada por todos os membros do grupo. Para Bion, esse grupo tem grande capacidade de cooperação, e sua estrutura psicológica é poderosa e com vitalidade para vivenciar suas experiências. Há, geralmente, uma máquina administrativa estabelecida, operada por funcionários que são reconhecidos como tais pelo resto do grupo. Um grupo refinado, como Bion gostava de chamar.

O trabalho desenvolvido por Bion, por óbvio muito mais amplo e complexo do que definições rapidamente expostas aqui, nos mostra, contudo, que as características e manifestações dos pressupostos básicos estão sempre subjacentes em qualquer grupo de trabalho. É esse aspecto que nos interessa e que vamos tratar aqui.

Para tanto, conversei com Cláudio Castelo Filho, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, doutor em Psicologia Social e professor livre-docente de Psicologia da USP, além de supervisor do Centro de Estudos e Atendimentos Relativos ao Abuso Sexual do Instituto Oscar Freire (CEARAS). Cláudio tem artigos, periódicos e livros publicados no Brasil e no exterior. Além disso, é também artista plástico, pessoa gene-



Cláudio Castelo Filho

rosa e acolhedora, que me recebeu de bom grado para uma entrevista sobre o tema.

Invasão no grupo de trabalho

Estudioso da obra de Bion, Cláudio Castelo Filho disse, em seu livro *O processo criativo – transformação e ruptura* (São Paulo: Blucher, 2015), que a riqueza de um grupo se deve àquilo que cada membro pode acrescentar e enriquecer de acordo com o que lhe é característico e único. “Enquanto os grupos anseiam por um enriquecimento dessa natureza, também se comportam, paradoxalmente, na direção de anular e até mesmo aniquilar tudo o que possa ser diferente, procurando a homogeneização”, afirmou. Para o autor, cujo livro foi baseado em sua tese de doutorado na USP, tal situação se torna ainda mais crítica ou conflitante quando um membro do grupo é excepcionalmente dotado.

O funcionamento de um grupo de trabalho depende, portanto, segundo o psicanalista, do desenvolvimento das pessoas nele envolvidas, mas esse mesmo grupo pode ser invadido pelo funcionamento psíquico do grupo de pressupostos básicos. E isso ocorre com frequência.

– Estamos quase sempre nos grupos de pressupostos básicos, mesmo quando estamos conosco ou em um grupo de trabalho. Pode ser que outros fenômenos permeiem o chamado grupo de trabalho e o transformem em outra coisa, ficando este simplesmente uma imitação do grupo de trabalho. A questão é se podemos desenvolver alguma condição mental para poder lidar com os pressupostos básicos que se apresentam – disse.

Para Cláudio, os grupos de trabalho são mais raros e mais difíceis de acontecer como tal, pois geralmente são invadidos pelos pressupostos básicos. Ele conta que foi procurado algumas vezes por coordenadores e diretores de empresas e escolas que se queixavam e estavam chateados por estarem lidando, em seus grupos, com muitas características desagradáveis, tais como inveja, ciúmes e rivalidades de toda ordem.

– O que costumo dizer a essas pessoas é que elas não se deram conta de que isto é o trabalho delas, sendo a principal parte desse trabalho lidar com tais questões. Que se tiverem condições de reconhecer os pressupostos básicos será possível negociar com as emoções e aspectos primordiais que emergem nos grupos, dar acolhimento e limpar o espaço – observou.

Esses aspectos mais primitivos da mente, assegurou, não são algo que acontece em uma pessoa, mas significam que essa pessoa é a expressão de algo que já está acontecendo no grupo.

– Quando há pessoas que são mais perturbadas ou primitivas, isso tende a ficar mais acentuado. Por exemplo, vemos às vezes em reuniões científicas que uma pessoa se levanta para dar contribuições, mas, na verdade, ela está ali para roubar o assento do apresentador. É perceptível que essa pessoa foi lá com esse fim – ressaltou.

Comentei com Cláudio que observo, com alguma frequência, em grupos de trabalho com líder, como os que existem em nossa sociedade, por exemplo, ou em salas de aula, que enquanto o líder/coordenador/professor fala duas pessoas conversam em paralelo, atrapalhando o trabalho ali desenvolvido. O que fazer? Um professor meu, quando ocorria esse fato, pedia para que as duas pessoas falassem à turma do que tratavam em particular. Cláudio disse perguntar às pessoas se teriam algo a contribuir com o grupo.

O líder, coordenador, diretor, professor que estiver mantendo o grupo precisa saber do surgimento dos pressupostos básicos e administrar esses fenômenos de alguma forma. Se não souber, observa Cláudio, “o grupo de trabalho vai para o espaço”. Muitas vezes, esses fatos podem resultar na dissolução do grupo.

Líder psicótico

Em *Experiências com grupos*, Bion observa que é cobrado dos alemães sua responsabilidade pelo comportamento do governo nazista de Hitler, aplicando-se aí o famoso ‘quem cala consente’. Diz Bion: “Não traz muita felici-

dade insistir sobre a responsabilidade coletiva desta maneira, mas presumirei, não obstante, que a menos que um grupo desautorize ativamente seu líder, ele estará, de fato, seguindo-o”. Nessa mesma obra, Bion relata diversos episódios em que não assumia, propositalmente, a condição de líder nos grupos de pacientes e estes acabavam, sistematicamente, instituindo como líder seu membro mais perturbado.

Para Cláudio, há uma inclinação, em geral, a se eleger para líder a pessoa com maiores aspectos psicóticos. Dentre os atuais, citou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

– Em geral, a pessoa que se coloca na posição de líder místico tende a se confundir com deus. As outras pessoas querem muito um deus ou um salvador da pátria, porque é muito difícil conviver na condição humana de que não existe garantia de coisa alguma, de que tudo que sabemos está sempre em trânsito e que não corresponde à realidade última. O pensamento científico é transitório, efêmero e sempre estará na direção da realidade última, por sua vez inalcançável. Sempre uso o modelo de que estamos num planeta que é arrastado por uma estrela e pela galáxia para um completo desconhecido. Conviver com isso é muito assustador, então a tendência é apelar para a onipotência de deus na terra – explicou.

Observa que é mais fácil encontrar pessoas que comandam se colocando numa posição de onipotência, como deus na terra. Para fazer isso, geralmente há um traço psicótico acentuado nessa pessoa. Quem não se coloca na posição de onipotência geralmente não é muito valorizado, a não ser por grupos menores, avalia. Por esse motivo, Cláudio acha que a que a psicanálise real nunca será muito popular.

– Só alguém que tolera essas angústias do não saber adquire discernimento próprio para estar mais livre. Como é mais difícil chegar a esse nível de tolerância, fica mais fácil ir atrás de gurus, que sempre terão filas gigantes em suas portas e lucrarão muito mais. Na maioria das vezes, portanto, acontece um fenômeno de natureza religiosa que se fundamenta em ir atrás do messias – destacou.

Perguntei se esse fenômeno predominava nos países da América Latina. Ele observou: “Predomina no mundo. Desde a Rússia aos países europeus que estão caindo para a extrema direita, saíram das ditaduras de extrema-esquerda ou ditas de extrema-esquerda”. Completou citando uma máxima de Millôr Fernandes: “Não gosto da direita porque ela é de direita, e não gosto da esquerda porque ela é de direita”. Nesse sentido, citou Daniel Ortega, na Nicarágua.

Para ele, todos esses líderes – Benito Mussolini, Adolf Hitler, Mao Tsé-Tung, Josef Stalin, entre outros, incluindo os da América Latina – têm a mesma característica, qual seja, utilizar a estratégia que se vale da figura messiânica para que um grupo se estabeleça no poder. E esse fenômeno ocorre, de preferência, quando a comunidade/sociedade se sente desamparada ou em crise, momentos em que é mais provável que vá atrás da figura psicótica/messias.

– Quanto mais desamparado, maior a onipotência a que se recorre e maior a tendência a se eleger um líder desse tipo. Quanto mais esquizoparanóide, maior a tendência a se construir um objeto idealizado. É como se esse líder/messias, ficando todo poderoso, eu ficasse poderoso junto com ele, mesmo que na prática eu seja tocado como gado. Existe a fantasia de fazer parte da maioria. Essas figuras, em geral, tentam destruir as minorias para configurar algo uníssono, sem conflitos. Como se ser autoritário pudesse até mesmo eliminar os conflitos internos das pessoas – observou.

Alguns psicanalistas costumam dizer que por trás de patologias como perversão e psicopatia sempre há psicose. Abordei o assunto com Cláudio, observando que esses líderes e grandes comandantes com tais características têm uma mente perversa e delirante, mas também empregam táticas engenhosas e agem com muito planejamento. Cláudio relatou:

- Alguém disse uma vez que é mais complicado quando Napoleão acredita ser Napoleão. Luiz XIV, por exemplo, menino que ficou órfão pequeno, passou por revoltas e ameaças, criou uma imagem do rei-sol que tinha a finalidade deliberada e consciente de criar uma ilusão na corte de ser uma figura sobrenatural. Com isso, ele manipulava as pessoas. Penso que, pelo menos no início, havia uma discriminação entre o personagem do rei-sol e a pessoa real que ele era. Quando os outros reis se confundiram com essa imagem, não tiveram condições de se manter. Até mesmo para um psicótico é preciso, para poder operar, o contato com a realidade. Para a identificação projetiva poder funcionar, a pessoa tem que ter um contato suficiente com a realidade para ela saber onde mobilizar no ambiente com o intuito de ter reações esperadas, seja de desagregação do grupo, seja para obter a ajuda de que precisa. Quando a identificação projetiva é exagerada e a pessoa perde o mínimo de contato com a realidade, ela deixa de operar e vira o chamado louco de hospício – disse.

Cláudio complementou: “A crueldade faz parte de nossa natureza. Uma coisa é quando podemos ter noção de algo vivo, não objeto e

nem coisa. O nível de funcionamento psicótico não distingue o que é vivo do que não é. Então é possível agir com a maior barbaridade porque não há consideração por aquilo que é vivo. A crueldade humana pode ser administrada quando nos damos conta de algo vivo, da dor, culpa e remorso. Só podemos lidar com a crueldade quando há posição depressiva.”

Cláudio fez um breve comentário sobre o filme *A Queda – as últimas horas de Hitler* (2004), escrito por Bernd Eichinger, no qual há uma situação emblemática a respeito de um grande general condecorado. Esse general diz que vai até o *bunker* para se suicidar porque não conseguira cumprir as ordens de Hitler, que consistiam em usar exércitos já dizimados para combater o inimigo.

– Mesmo com os exércitos não existindo mais, ordem é ordem, e o general se mata. Então você observa que ele estava submetido psiquicamente, mesmo sendo um comandante. Que estado de mente é esse que precisa constituir uma figura tão poderosa, onipotente e inquestionável? Penso que tem a ver com situações que, apesar de essa pessoa ter se tornado um grande comandante de guerra, o seu estado de mente era muito primitivo – explicou.

Sobre a inveja, Cláudio observou ser esse o sentimento que está por trás de ideologias que pregam e sustentam a fantasia de igualdade. E concluiu: “Penso que isso serve para não ter que lidar com a inveja. O problema é que sempre haverá alguém que terá mais do que você, em alguma dimensão, e é essa diferença que faz a riqueza da condição humana. Perceber que alguém tem certo talento ou capacidade que você não tem ou não desenvolveu pode incomodar muito, mas é preciso conviver com a inveja quando ela aparece”.



Helena Daltro Pontual é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.